

COOPERANTE PORTUGUÊS MORTO EM MOÇAMBIQUE

MAPUTO, 23 — Um cooperante português foi assassinado ontem de madrugada na localidade de Namaacha, juntamente com dois moçambicanos, soube a Anop de fontes não oficiais.

O assassinio das três pessoas foi atribuído, por testemunhas, a homens armados que surgiram na povoação depois de ela ter sido sobrevoada por helicópteros.

Outras três pessoas foram raptadas e duas mulheres vítimas de tentativa de violação com uso de um tubo.

As testemunhas referenciaram entre o grupo de homens armados um branco pintado de preto.

António de Figueiredo, o português assassinado, estava há cerca de um ano e meio em Moçambique, ao serviço do Ministério da Agricultura.

Encontrava-se em casa com a mulher e dois filhos quando, depois de terem batido à porta, se lhe deparou um homem que lhe apontou uma pistola com silenciador.

Ainda tentou resistir, segundo relatos atribuídos a sua mulher, mas acabou por ser atingido e teve morte quase imediata.

A Namaacha fica numa zona montanhosa a cerca de 80 quilómetros a ocidente de Maputo, na fronteira com a Suazilândia. — (Anop)

Diário Popular

Balseirão condena atentado de Maputo

Lisboa

23/6/62

MAPUTO, 23 — O primeiro-ministro português descreveu como «inqualificável» o atentado de terça-feira em Maputo e lamentou, «com profunda emoção», a perda de uma vida e os ferimentos causados.

A sua posição é assumida numa mensagem ao presidente Samora Machel, cujo atraso se relaciona com a sua ausência de Lisboa, e com a qual se junta ao número de personalidades internacionais que já condenaram o atentado, a começar pelo presidente Ennes.

Por sua vez, o líder comunista português, Alvaro Cunhal, também o repudiou sexta-feira, numa mensagem, na qual o integra «no contexto de novos actos de agressão, terrorismo e banditismo lançados pelos racistas sul-africanos, apoiados pelo imperialismo».

Outra mensagem, sábado divulgada em Maputo, é do presidente da Guiné-Bissau, Bernardo Vieira, que considera «bárbaro e ignóbil» o atentado, mas acrescenta que tais actos não poderão parar «a gloriosa marcha dos nossos povos para a libertação total». — (Anop)